Viagem ao mundo das glórias

O mestre Raí: presente nas conquistas dos anos 90

ALEXANDRE BATTIBUGLI

...Uma viagem. E uma viagem de primeira classe, com taças de champanhe e toda a mordomia que se tem direito. Saborear as próximas páginas é percorrer a história do São Paulo com muito orgulho. Em um time aparece o mítico Friedenreich, em outro está o classudo Zizinho, de repente Leônidas, dá as caras. O São Paulo teimou em contratar o que o futebol brasileiro tinha de melhor. O Rei de Roma Falcão um dia vestiu a camisa tricolor. Canhoteiro deslumbrou a torcida com seus dribles, da mesma forma que um moleque abusado chamado Denilson repetiria anos mais tarde. Zagueiros, então, é até difícil enumerá-los sem ter dó dos clubes rivais que não tiveram a mesma sorte. Mauro, Roberto Dias, Oscar, Darío Pereyra, Ricardo Rocha, Antônio Carlos e muitos outros.
Essa edição dos 50 times do São Paulo lembra dos heróis antigos sem desprezar os craques da era moderna. Raí, Juninho, Müller, Zetti, Leonardo, Careca, Rogério, França e muitos outros estão em pé ou agachados nas principais formações do clube. Agora é virar esta página e boa viagem!

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina
Diretor Editorial Adjunto: Ricardo A. Setti

PLACAR ESPECIAL

Diretor Superintendente: Mauro Calliari

Diretor de Redação: Leão Serva

Diretora de Arte: Cristina Veit
Redator-Chefe: Sérgio Xavier Filho
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editor Especial: Celso Unzelte
Subeditor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Chefe de Arte: Fábio Bosquê Ruy
Atendimento ao Leitor: Silvana Ribeiro
Colaboradores: Milton Bellintani (Texto), Luciano Leônidas Rodrigues (Arte), Eduardo Monteiro e Rogério Pallatta (Foto)

Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

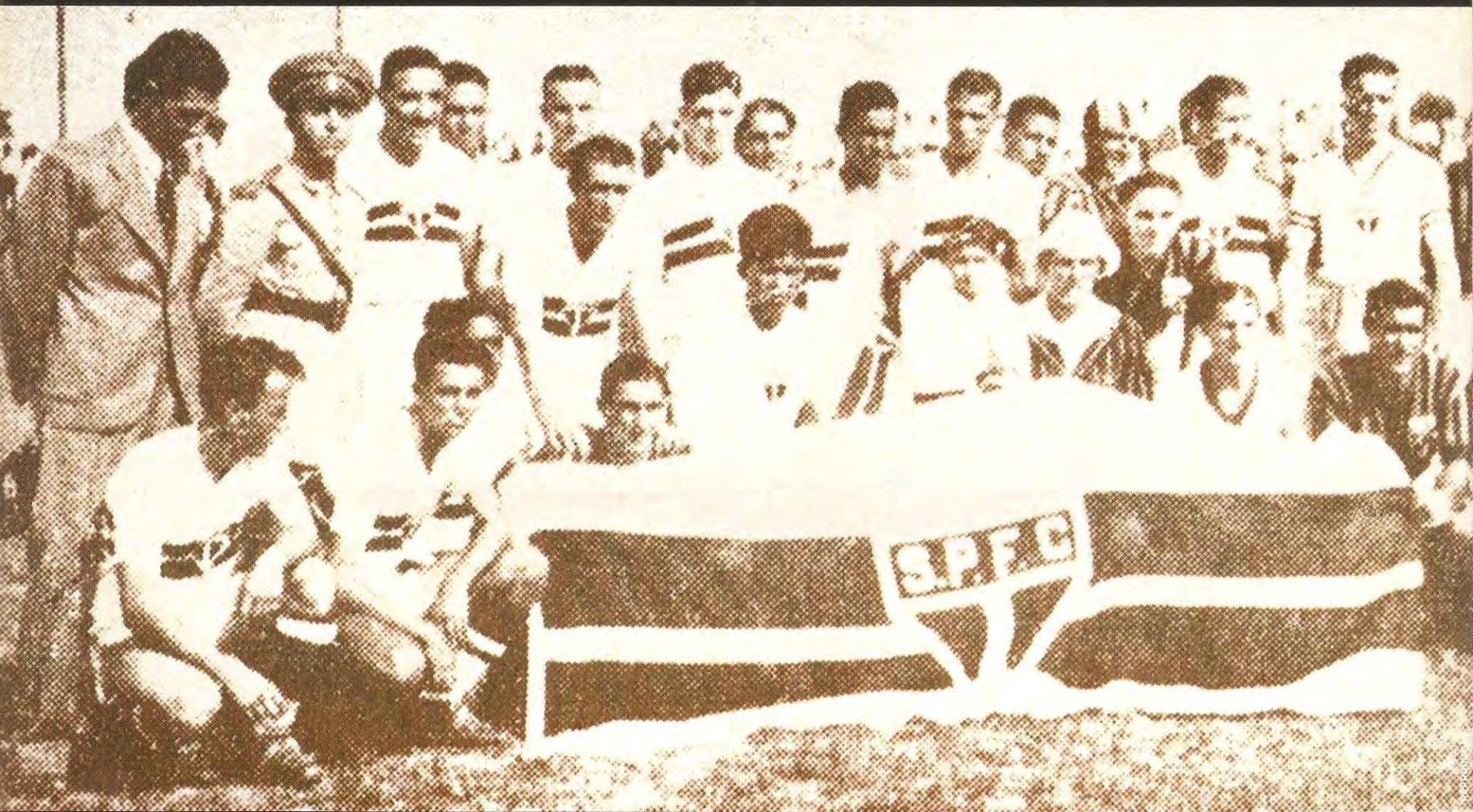
1930 O primeiro São Paulo

O fim das atividades no futebol do Paulistano e da Associação Atlética das Palmeiras resultou no primeiro São Paulo, o São Paulo da Floresta. O Palmeiras deu o campo que tinha na Floresta, bairro da Ponte Grande. Um grupo de ex-associados do Paulistano levou o time, que contava com Friedenreich, o Pelé da época, no ataque. E o São Paulo da Floresta foi vice em seu primeiro ano de vida.

Em pé: Sérgio, Clodô, Nestor, Bock, Araken, Friedenreich, Zanuela e Rueda
Agachados: Formigão, Serrote, Barthô, Siriri e Segatti

1931 O primeiro título

O São Paulo da Floresta foi campeão paulista logo em seu segundo ano de vida, com uma campanha memorável: 20 vitórias, 5 empates e 1 derrota. Na partida decisiva, goleou o Corinthians por 4 x 1. O clube do Morumbi passou a computar o título entre suas conquistas. É polêmico. Afogado em dívidas, o velho São Paulo fundiu-se com o Clube de Regatas Tietê, que não mantém time de futebol.

Em pé: Armandinho, Barthô, Bino, Araken, Clodô, Friedenreich, Luizinho, Sasso, Mílton e Junqueirinha
Agachado: Joãozinho

1936 O São Paulo definitivo

Um grupo de diretores não aceitou a fusão com o Tietê e refundou o São Paulo em 16 de dezembro de 1935. Foram mantidos o distintivo e o uniforme original. A estréia do time aconteceu contra a Portuguesa Santista, com vitória de 3 a 2, no campo do Palestra Itália.

O time: King, Ruy e Picareta; Ferreira, José e Segôa; Antoninho, Gabardo, Fogueira, Carrazo e Paulinho.

1938 De mão não vale

O Paulistão de 1938 foi um show de desorganização. A final, entre São Paulo e Corinthians, aconteceu somente em abril de 1939. O tricolor começou na frente, gol de Mendes. A partida foi interrompida aos 21 minutos do primeiro tempo, por causa da chuva. O jogo recomeçou dois dias depois. O Corinthians empatou faltando 25 minutos para o fim, com um gol de mão do atacante Carlito, e ficou com a taça.

O time: Pedrosa; Agostinho e Iracino; Fiorotti, Damasco e Felipelli; Mendes, Armandinho, Eliseu, Araken e Paulo

1943 Nem cara nem coroa

Vice-campeão em 1938 e 1941, terceiro em 1942, o São Paulo ameaçava a supremacia do Corinthians e do Palmeiras. Em 1943 dizia-se que, uma vez mais, daria um ou outro, de acordo com o lado que a moeda caísse. Mas a moedinha caiu em pé, deu São Paulo, o primeiro título oficial do clube, comandado por Leônidas da Silva e pelo argentino Sastre.

Em pé: Zarzur, Piolim, King, Virgílio, Zezé Procópio e Noronha. Agachados: Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal

1945 A confirmação

Vice em 1944, o São Paulo detonou os adversários em 1945. Perdeu apenas uma partida, para o Corinthians, e foi campeão com três rodadas de antecedência. Leônidas foi vice-artilheiro da competição, fez 16 gols, um a menos que o corintiano Servílio e Passarinho, do SPR (atual Nacional). Graças à ótima campanha o time foi batizado de Rolo Compressor.

Em pé: Piolim, Virgílio, Rui, Bauer, Noronha e Gijo.
Agachados: Barrios, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeirinha

REPRODUÇÃO/LEMYR MARTINS

1946 Bicampeão invicto

Quem duvidava da força do São Paulo ficou de queixo caído em 1946, ano do primeiro bi tricolor. O título só veio na última partida, contra o Palmeiras, gol do zagueiro Renganeschi. Machucado, ele foi deslocado para a ponta-esquerda com as expulsões dos tricolores Luizinho e Remo e dos palmeirenses Og e Villadoniga, depois de uma briga em que se envolveram os 22 jogadores.

Em pé: o presidente do clube, Paulo Machado de Carvalho (de terno), Rui, Bauer, Piolim, Gijo, Renganeschi, Noronha e o técnico Joreca. Agachados: Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeirinha

REPRODUÇÃO

1948 De volta à ponta

A ascensão são-paulina foi freada em 1947 pelos rivais Palmeiras, o campeão daquele ano, e Corinthians, o vice. A reação não tardou. Meio time foi mudado e o São Paulo voltou a ser o primeiro entre os grandes, agora sob o comando do técnico Vicente Feola. Naquele ano, os clubes usaram números no uniforme pela primeira vez. Leônidas adotou a camisa 9.

Em pé: Rui, Savério, Mauro, Mário, Bauer e Noronha. Agachados: China, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeirinha

1949 Disparando na frente

O último título paulista de Leônidas da Silva foi o do segundo bicampeonato da história tricolor. Dessa vez, com folga. O time de Vicente Feola ficou oito pontos à frente do Palmeiras. A conquista se consolidaria na partida contra o Santos, vencida por 3 a 1, um gol de Teixeirinha e dois de Friaça, que marcaria o gol brasileiro na derrota para o Uruguai, no Maracanã, na trágica final da Copa do Mundo de 1950.

Em pé: Rui, Savério, Mauro, Mário, Bauer e Noronha.
Agachados: Friaça, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeirinha

1953 Poy comanda do gol

Vice em 1950 e 1952, quarto em 1951, com Leônidas realizando uma curta e desastrosa experiência como técnico, o Rolo Compressor dos anos 40 deu lugar a um time sem confiança. No começo de 1953 veio a reformulação, a começar do gol, com o argentino Poy, contratado ao Rosário cinco anos antes, promovido a titular. Ele fechou o gol. Na frente, Maurinho, Albella e Gino fizeram o resto.

Em pé: Alfredo, De Sordi, Pé-de- Valsa, Poy, Mauro e Bauer. Agachados: Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeirinha

GAZETA ESPORTIVA

1956 Equilíbrio até o fim

São Paulo e Santos mantiveram o suspense sobre quem seria campeão até as duas últimas rodadas. O Peixe liderava com um ponto na frente, mas perdeu para o Palmeiras. O tricolor não aproveitou a chance, apenas empatando com a Portuguesa. Na última rodada, ambos venceram. Na partida extra, o São Paulo vencia por 1 x 0, depois por 2 x 1, mas acabou derrotado por 4 x 2.

Em pé: Feola (técnico), Riberto, Sarará, Bonelli, Turcão, Alfredo e Mauro Ramos. Agachados: Maurinho, Lanzoninho, Gino, Dino Sani e Canhoteiro

PAULO CÉZAR BRAVOS

1957 Zizinho versus Pelé

A perda do título de 1956 para o Santos em um jogo desempate — 4 x 2 — fez o São Paulo se reforçar. O clube buscou Zizinho, já veterano, no Bangu. O Santos promoveu o menino Pelé, de 15 anos, a titular. Ele seria o artilheiro do campeonato, com 17 gols, mas Zizinho acrescentaria mais um título à sua vitoriosa carreira. O último, na vitória por 3 a 1 contra o Corinthians do goleiro Gilmar.

Em pé: De Sordi, Poy, Sarará, Riberto, Vítor e Mauro.
Agachados: Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro

GAZETZA ESPORTIVA

1960 A estréia do Morumbi

O São Paulo começou os anos 60 cheio de esperança. Com a primeira etapa de seu estádio concluída, apostava suas fichas numa década cheia de títulos. A inauguração do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, aconteceu no dia 2 de outubro de 1960, com uma vitória de 1 a 0 sobre o Sporting Lisboa de Portugal, gol do ponta-direita Peixinho. Mas o clube só seria campeão na era Morumbi dez anos depois.

(Em pé) Ademar, Poy, Gildésio, Sátiro, Riberto e Vítor (Agachados) Peixinho, Jonas, Gino, Gonçalo e Canhoteiro

1962 Começa a Era Morumbi

Sonhar com o maior estádio particular do mundo custou caro ao tricolor. Cada cruzeiro investido na construção do Morumbi significava menos dinheiro para contratar craques. Mas foi nela que surgiu um dos maiores ídolos da história do clube, o volante e zagueiro Roberto Dias. Além disso, alguns imortais do futebol brasileiro, como Bellini e Jair Rosa Pinto, encerravam a carreira no São Paulo.

Em pé: Deleu, Poy, Cido, Bellini, Roberto Dias e Riberto.
Agachados: Nondas, Gino, Benê, Jair Rosa Pinto e Sabino

1970 À espera dos craques

No início de 1970, o São Paulo ainda esperava a chegada dos craques que o recolocariam na rota dos títulos. No segundo semestre, o clube se empenhou em fazer contratações, mudando metade do time que começou o ano. Ficaram apenas o goleiro Sérgio, os zagueiros Jurandir e Dias, o lateral-esquerdo Gilberto e os atacantes Paulo e Terto.

Em pé: Jurandir, Sérgio, Dias, Gilberto, Carlos Alberto e Lima. Agachados: Paulo, Nenê, Terto, Téia e Paraná

SEBASTIÃO MARINHO

1970 Gérson acaba com a fila

O Canhotinha de Ouro Gérson, cérebro do tricampeonato do Brasil, no México, chegou para comandar a virada são-paulina, empurrada também pela garra uruguaia do lateral-direito Pablo Forlan e pelos gols de Toninho, ex-parceiro de Pelé no Santos. O título chegou com uma rodada de antecedência, com vitória de 2 x 1 sobre o Guarani, em Campinas, acabando com um jejum de 12 anos.

Em pé: Benê, Tenente, Eduardo, Picasso, Gilberto, Sérgio, Lima, Édson, Dias, Lourival, Forlan e Jurandir.
Agachados: Everaldo, Carlos Alberto, Paulo, Terto, Miruca, Gérson, Zé Roberto, Toninho, Nenê e Paraná

1971 Bi acentua rivalidade

O São Paulo perdeu Roberto Dias, afastado por problemas no coração. Mas ganhou o refinamento do uruguaio Pedro Rocha, ex-Peñarol, no meio de campo (para Pelé, um dos cinco melhores jogadores do mundo). O bi paulista veio na vitória de 1 x 0 sobre o Palmeiras, gol de Toninho. O tricolor jogava pelo empate, mas um gol mal anulado de Leivinha dá motivo até hoje para reclamações palmeirenses.

Em pé: Jurandir, Sérgio, Gilberto, Arlindo, Édson e Forlan.
Agachados: Terto, Pedro Rocha, Toninho, Gérson e Paraná

MANOEL MOTTA

1971 Telê no caminho

O São Paulo perdeu a chance de vencer o primeiro Campeonato Nacional já na primeira partida do triangular decisivo, contra o Atlético Mineiro de Telê Santana: 1 a 0, gol do lateral-esquerdo Oldair cobrando falta. Era preciso golear o Botafogo na segunda partida e torcer contra o Galo no Maracanã. O tricolor arrasou o time carioca com goleada de 4 a 1. Mas Dario faria o gol do título atleticano.

Em pé: Jurandir, Sérgio, Arlindo, Gilberto, Édson e Forlan. Agachados: Terto, Teodoro, Toninho, Gérson e Toninho II

MANOEL MOTTA

1972 Verdão impede o tri

Pela terceira vez na história, o Palmeiras impediu o tricampeonato tricolor. Dessa vez, doeu mais. No jogo final, o alviverde dependia de um empate para ser campeão. O São Paulo, já sem Gérson, vendido ao Fluminense, chutou uma bola no travessão com o ponta-direita Paulo Nani, mas não tirou o zero do marcador. Restou o consolo de ser vice-campeão invicto. O único até hoje, em 97 anos de Paulistão.

Em pé: Gilberto, Sérgio, Samuel, Édson, Arlindo e Forlan. Agachados: Paulo Nani, Terto, Toninho, Pedro Rocha e Paraná

GEMYR MARTINS

1973 Palmeiras outra vez

Se o Palmeiras estava engasgado na garganta desde o ano anterior, entalou de vez no Brasileiro de 1973. O São Paulo goleara o Internacional de Figueroa por 4 x 1, mas a derrota de 1 x 0 para o Cruzeiro deu a vantagem do empate ao Verdão na final, que terminou 0 x 0. A vingança só viria na Libertadores, quando o São Paulo desclassificou o bicampeão brasileiro com duas vitórias, 2 x 0 e 2 x 1.

Em pé: Gilberto, Waldir Peres, Arlindo, Paranhos, Chicão e Forlan. Agachados: Terto, Zé Carlos, Mirandinha, Pedro Rocha e Piau

1974 Pênalti tira a taça

Quase deu. O São Paulo bateu o Independiente, da Argentina, de virada — 2 x 1 — no Pacaembu, mas perdeu em Buenos Aires (2 x 0). No jogo extra, no Chile, o meia Zé Carlos chutou um pênalti nas mãos do goleiro Gay quando a partida estava 1 x 0 para os argentinos. E o tricolor viu o sonho de ser campeão sul-americano adiado. Um ano antes, o time foi vice brasileiro ao empatar com o Palmeiras (0 x 0).

Em pé: Gilberto, Waldir Peres, Chicão, Paranhos, Arlindo e Forlan. Agachados: Terto, Zé Carlos, Mirandinha, Pedro Rocha e Piau

JOSÉ PINTO

1975 Goleada nos pênaltis

O São Paulo deu um banho no primeiro turno do Paulista, levando a Taça dos Invictos com uma série de 39 partidas sem perder. Mas amoleceu no segundo. Na final, contra a Portuguesa, ganhou a primeira partida (1 x 0, gol de Pedro Rocha) e perdeu a segunda pelo mesmo marcador. Depois de uma prorrogação sem gols, o tricolor goleou na decisão por pênaltis, 3 x 0.

Em pé: Waldir Peres, Gilberto, Paranhos, Nélson, Arlindo e Chicão.
Agachados: Terto, Muricy, Serginho, Pedro Rocha e Zé Carlos

RODOLPHO MACHADO

1977 O Brasil é tricolor

Depois de ser vice em 1971 e 1973, o tricolor ganhou seu primeiro título nacional em 1977. A final foi contra o invicto Atlético Mineiro, no Mineirão. Faltaram gols na partida, mas sobrou emoção. Na decisão por pênaltis, outro show de Waldir Peres, que enervou os cobradores atleticanos — Cerezo, Joãozinho Paulista e Márcio chutaram para fora. E vitória são-paulina por 3 x 2.

Em pé: Antenor, Tecão, Getúlio, Chicão, Bezerra e Waldir Peres. Agachados: Viana, Teodoro, Mirandinha, Darío Pereyra e Zé Sérgio

1980 A máquina atropela

O time, reformulado no começo do ano, deu resultado antes do que se esperava. Pudera: chegaram os craques Oscar e Renato, que se somaram à juventude de Paulo César, à garra de *don* Darío Pereyra e aos gols de Serginho Chulapa. Azar do Santos, campeão do primeiro turno, que, nas finais, perdeu os dois jogos para o tricolor, campeão do segundo, ambos por 1 x 0.

Em pé: Waldir Peres, Darío Pereyra, Oscar, Getúlio, Almir e Aírton. Agachados: Paulo César, Renato, Serginho, Heriberto e Zé Sérgio

Menudos

nas fundou a base de um time que deu grandes alegrias à torcida. Para jogar ao lado ibe trouxe da Itália o genial Falcão, "o Rei de Roma", que iria encerrar a carreira 1.

Em pé: Márcio Araújo, Oscar, Gilmar, Falcão, Darío Pereyra, Nelsinho e Zé Teodoro. Agachados: Müller, Silas, Careca e Sidney

NICO ESTEVES

1985 A revolução dos

O técnico Cilinho chegou um ano antes para comandar a renovação. Perdeu tudo o que tinha direito n do artilheiro Careca e do craque Pita, subiram dos juniores os jogadores Silas, Müller e Sidney. E o c como campeão paulista. Nas finais, o tricolor conquistou duas vitórias sobre a Portuguesa, 3 x 1 e 2 x

RICARDO CORRÊA

1992 O mundo é tricolo

O São Paulo chegou a Tóquio sabendo da força do Barcelona do técnico Cruyff, mas sem complexo de inferio
Coruña, por 4 x 1. Quando a bola rolou, Stoichkov fez 1 x 0 para os espanhóis. Raí, em jogada de Müller, en
Raí, em cobrança de falta ensaiada, fez o gol do título mundial.

color

omplexo de inferioridade. Afinal, vencera o mesmo Barça quatro meses antes, em La
gada de Müller, empatou ainda no primeiro tempo. Faltando oito minutos para terminar,

Em pé: Adílson, Zetti, Ronaldão, Vítor, Pintado, Ronaldo Luís e Cerezo.
Agachados: Müller, Palhinha, Cafu e Raí

1981 Velocidade máxima

Se a máquina era boa, melhorou mais ainda com a entrada do genial Mário Sérgio no lugar do esforçado Heriberto, no meio de campo, e de Marinho Chagas na lateral-esquerda na vaga do correto Aírton. O bi paulista veio em duas partidas eletrizantes contra uma inspirada Ponte Preta, 1 x 1 na quarta-feira e 2 x 0 para o São Paulo no domingo, gols de Renato e Serginho.

Em pé: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra, Almir e Marinho Chagas.
Agachados: Paulo César, Renato, Serginho, Éverton e Mário Sérgio

1983 Careca estréia

O vice paulista de 1982 e as saídas de Mário Sérgio e Serginho estremeceram o Morumbi. Entre as caras novas, destacou-se a do atacante Careca, ex-Guarani, cortado da Copa do Mundo de 1982 por contusão. O craque demorou a firmar-se no São Paulo, quase foi emprestado ao Fluminense, mas seria o principal jogador do clube nos anos seguintes. Na estréia, contra o América-RN, fez um gol na vitória por 4 x 0.

Em pé: Waldir Peres, Oscar, Getúlio, Zé Mário, Darío Pereyra e Nelsinho. **Agachados:** Paulo César, Renato, Careca, Carlinhos Maracanã e Zé Sérgio

1986 Haja coração!

O título brasileiro de 1986 também foi decidido nos pênaltis. Mas dessa vez não faltaram gols na partida. No tempo normal, São Paulo e Guarani empataram por 1 x 1. Na prorrogação, novo empate: 2 x 2 (total: 3x3), com Careca igualando o marcador no penúltimo minuto. Nos penais, 4 x 3 para o São Paulo. O zagueiro Wágner converteu a cobrança decisiva.

Em pé: Fonseca, Gilmar, Wágner Basílio, Darío Pereyra e Bernardo. Agachados: Müller, Silas, Careca, Pita e Sidney

SÉRGIO BREZOVSKY

NÉLSON COELHO

1987 Lê fez a diferença

O Napoli levou Careca para atuar ao lado de Maradona, mas o pequenino Lê, ex-Inter de Limeira (campeã paulista de 1986), foi um substituto à altura. Com gols importantes e muitos deslocamentos, ele abriu espaço para Müller, Silas, Pita e Edivaldo matarem a pau. Pior para o Corinthians, que perdeu a primeira — 2 x 1 — e viu os tricolores levantarem o caneco depois do 0 x 0 da partida decisiva.

Em pé: Bernardo, Adílson, Gilmar, Darío Pereyra, Nelsinho e Zé Teodoro. Agachados: Müller, Silas, Lê, Pita e Edivaldo

1988 Ano de mudança

A desclassificação na Copa União de 1987 resultou em alterações na equipe. Gilmar perdeu provisoriamente o lugar para o chileno Rojas e Darío Pereyra, Silas e Pita foram negociados. Entraram no time o meia Renatinho, o lateral-direito Zé Carlinhos e o zagueiro Ivan. E o São Paulo passou o ano sem ganhar nada.

Em pé: Zé Carlinhos, Bernardo, Nelsinho, Ivan, Adílson e Rojas. Agachados: Raí, Lê, Müller, Renatinho e Edivaldo

ORLANDO KISSNER

1989 Sem medo de pequenos

O Palmeiras detonou os adversários durante a fase de classificação, mas amarelou na hora agá. Melhor para o São Paulo de Bobô, Raí e Ricardo Rocha, que passou pelos pequenos e faturou outra taça. Nas finais, espantou a zebra São José no finalzinho da primeira partida, gol contra de André Luís, empatando a segunda por 0 x 0.

Em pé: Adílson, Gilmar, Vizolli, Ricardo Rocha, Nelsinho e Zé Teodoro. Agachados: Mário Tilico, Bobô, Ney Bala, Raí e Edivaldo

SÍLVIO PORTO

empatando a segunda por 0 x 0.

NELSON COELHO

1990 Bom começo

O técnico Carlos Alberto Silva deu lugar a Pablo Forlan, que levou o São Paulo ao fundo do poço. A saída? Telê Santana, que mudou tudo. Do velho time ficaram apenas Ivan, Bernardo, Leonardo, Tilico e Raí. A equipe voltou a vencer, mas não a ponto de bater o Corinthians do iluminado Neto e da muralha Ronaldo no gol. O clube foi bi vice brasileiro, mas Telê foi mantido no comando.

Em pé: Zetti, Bernardo, Cafu, Leonardo, Ivan e Antônio Carlos. Agachados: Mário Tilico, Flávio, Eliel, Raí e Elivélton

RICARDO CORRÊA

1991 Telê arma seu timaço

Telê Santana chegou em 1990, depois de o São Paulo despencar para a segunda divisão do Paulista, e quase saiu ao perder a final do Brasileiro. Graças a ele, o time soube usar o regulamento e saltou da segundinha direto para as semifinais, despachando Guarani e Palmeiras. Na decisão, contra o Corinthians, show de Raí na vitória de 3 a 0, gols dele, e clima de festa no jogo decisivo, 0 x 0.

Em pé: Zetti, Ronaldo, Cafu, Sídnei, Nelsinho e Antônio Carlos. **Agachados:** Müller, Suélio, Raí, Elivélton e Macedo

1991 O dedo do mestre

O terceiro título brasileiro tricolor premiou o clube que chegou ao maior número de finais. Foram oito, três delas consecutivas: 1989, 1990 e 1991. Embalado pela conquista do campeonato paulista, o São Paulo de Telê queria mostrar que não vencera graças ao regulamento. Na final pegou o Bragantino de Carlos Alberto Parreira. Vitória por 1 ax 0 no Morumbi, gol de Mário Tilico, e empate sofrido em Bragança Paulista, 0 x 0.

Em pé: Zetti, Ronaldão, Leonardo, Ricardo Rocha, Zé Teodoro e Antônio Carlos.
Agachados: Müller, Raí, Macedo, Bernardo e Cafu

NÉLSON COELHO

NELSON COELHO

1992 A América é tricolor

A primeira Libertadores não se esquece. Ainda mais quando a conquista é recheada de garra e sofrimento. O time começou mal, perdendo para o Criciúma por 3 x 0 com um time improvisado. Recuperou-se graças á frieza de Raí, decisivo nas cobranças de penais, e aos milagres de Zetti, que defendeu dois na disputa por penalidades contra o Newell's Old Boys, vencida pelo tricolor por 3 x 2.

Em pé: Ivan, Adílson, Zetti, Cafu, Ronaldão e Antônio Carlos. Agachados: Müller, Palhinha, Pintado, Raí e Elivélton

1992 Cheio de apetite

O quinto título são-paulino na temporada, o de campeão paulista, teria um gostinho especial. Além de significar mais um troféu no memorial tricolor, representava deixar o Palmeiras mais um ano na fila, o décimo-sexto. No primeiro jogo da final e, paulista,disputado antes da decisão de Tóquio, o resultado foi uma goleada por 4 a 2. No jogo das faixas dos campeões mundiais, show do vovô Cerezo e nova vitória, 2 x 1.

Em pé: Adílson, Zetti, Ronaldão, Vítor, Pintado, Ronaldo Luís e Cerezzo. Agachados: Müller, Palhinha, Cafu e Raí

NELSON COELHO

1992 A Espanha é tricolor

Entre 1991 e 1993 o São Paulo fez suar seus adversários nos torneios de verão realizados na Espanha. Em 1992, venceu o Ramón de Carranza e Teresa Herrera, batendo, respectivamente, o Barcelona por 4 x 1 e o Real Madrid por 4 x 0. No mesmo ano foi do Troféu Cidade de Barcelona, vencendo o Espanyol por 2 x 1. Em 1993, ficou com o Torneio Santiago de Compostela, goleando o Compostela por 4 x 0.

Em pé: Dinho, Zetti, Lula, Macedo, Ronaldão e Marcos.
Agachados: Palhinha, Pintado, Válber, Maurício e Müller (Adilson, Elivélton e Vítor, que começaram a partida, não aparecem na foto)

DON BALON

1993 Rei da América

O tricolor não teve vida fácil para ser bi sul-americano, mesmo entrando na Libertadores nas oitavas-de-final. A derrota por 2 x 0 para o Newell's Old Boys, em Rosário, nas semi finais, tornou a classificação para a final difícil. Mas o time deu a volta por cima em casa, vencendo por 4 x 0. Na final, goleou o Universidad Católica do Chile por 5 x 1, no Morumbi, e deu-se ao luxo de perder em Santiago por 2 x 0.

Em pé: Gilmar, Zetti, Vítor, Pintado, Dinho e Ronaldo Luís. Agachados: Müller, Palhinha, Válber, Raí e Cafu

NELSON COELHO

1993 O Supercampeão

Não era qualquer um que entrava na Supercopa Libertadores da América. Era preciso ser campeão sul-americano antes. Com duas taças no currículo, o São Paulo chegou cheio de moral à disputa. A decisão, contra o Flamengo de Renato Gaúcho e Marcelinho Carioca, foi emocionante. Empate por 2 a 2 nos dois jogos e vitória são-paulina nos penais por 5 x 4. Müller bateu o pênalti decisivo.

Em pé: Zetti, Ronaldão, Cafu, Dinho e Cerezzo. Agachados: Müller, Doriva, Palhinha, Válber, André Luís e Leonardo

NELSON COELHO

1993 Como o Santos de Pelé

Só o São Paulo de Telê e o Santos de Pelé foram mundiais entre os clubes brasileiros. Ambos venceram o Milan. O São Paulo marcou com Palhinha, mas cedeu o empate, gol de Massaro. Cerezo fez 2 x 1, mas Massaro empatou novamente. A dois minutos do fim, Müller desempatou de calcanhar, sem querer, e dedicou o gol ao zagueiro Costacurta, de quem apanhou o jogo inteiro. "Esse gol é pra você, palhaço".

Em pé: Zetti, Dinho, Ronaldão, Cafu, Leonardo e Cerezzo.
Agachados: Müller, Doriva, Válber, Palhinha e André Luís

1993 Campeão da Recopa

A Recopa Sul-americana de 1992 foi disputada entre o São Paulo, campeão da Libertadores, e o Cruzeiro, ganhador da Supercopa. Na primeira partida, empate no Morumbi por 1 x 1. A decisão ficou para o Mineirão, com a Raposa sufocando o tricolor em seu campo. Com Zetti e Ronaldão em noite inspirada, o São Paulo segurou a pressão e levou a disputa para os pênaltis, vencendo por 5 x 4.

Em pé: Zetti, Ronaldo, Leonardo, Dinho, Cafu e Toninho Cerezo.
Agachados: Doriva, Valber, Palhinha, André e Müller

SÍLVIO PORTO

1994 Adeus, sonho do tri

Esteve nos pés de Palhinha o tricampeonato sul-americano são-paulino. Depois de perder por 1 x 0 para o Vélez Sarsfield, em Buenos Aires, o São Paulo precisava vencer por uma diferença de dois gols para ser campeão. Fez 1 x 0, gol de Palhinha, de pênalti. A vitória magra levou a decisão para os penais, em que brilhou a estrela do goleiro Chilavert. Vélez 5 ax 3. Palhinha desperdiçou a primeira cobrança do tricolor.

Em pé: Axel, Zetti, Vítor, Júnior Baiano, Cafu e Gilmar. Agachados: Euller, Palhinha, André Luís, Válber e Müller

AE

1994 Expressinho dá show

O segredo para o São Paulo ganhar tantos títulos em tão pouco tempo era ter mais de um bom jogador para cada posição. O clube se deu o luxo de formar um time B, batizado de Expressinho. A maior façanha foi ganhar o título da Conmebol, batendo adversários como o Corinthians e o Peñarol, que levou de 6 x 1 no Morumbi na final. Nem a derrota (3 x 0) no segundo jogo tirou a taça dos meninos de Muricy Ramalho.

Em pé: Mona, Rogério, César, Bordon, Ronaldo Luís e Vitor. Agachados: Catê, Pereira, Denílson, Juninho e Caio

JIRO MOCHIZUKI

1994 O Japão é tricolor

A Recopa Sul-americana de 1993 deveria ser do São Paulo por direito. O timaço de Telê já vencera a Libertadores e a Supercopa, e não fazia sentido disputar uma taça que, devia pertencer ao clube. Mas os japoneses, que passaram a sediar a decisão da Recopa, pressionaram nos bastidores para que houvesse disputa. Convidaram o Botafogo do Rio, campeão da Commebol que nem viu a cor da bola: 3 a 1 para o São Paulo.

Em pé: Rogério Ceni, Euller, Juninho, Guilherme, Zetti, Válber, Jamelli e Júnior Baiano. Agachados: Gilmar, Caio, André Luís, Doriva, Axel, Cafu, Vítor e Leonardo

1996 Vice à distância

A superioridade do Palmeiras de Wanderley Luxemburgo foi tão absoluta durante todo o campeonato que muita gente se esqueceu de lembrar quem foi o vice-campeão. Mesmo sem chance de disputar o título, o São Paulo do técnico Muricy Ramalho, do goleiro Zetti em seu último ano no clube e do atacante Valdir foi o time que mais se aproximou do Verdão naquele ano.

Em pé: Edmílson, Bordon, Serginho, Axel e Zetti.
Agachados: Válber, Müller, Denílson, Adriano, Beletti e valdir

1997 Dodô é o show

A experiência frustrada com Carlos Alberto Parreira abriu caminho para revelar o potencial de Darío Pereyra como técnico. Ele arrumou a casa a tempo de levar o time à disputa da final do Paulistão contra o Corinthians. O tricolor renasceu com os gols da dupla Dodô e Aristizábal, que atropelaram na reta final. Uma defesa milagrosa de Ronaldo, em chute de França, garantiu o 1 a 1. O tricolor foi um digno vice.

Em pé: Rogério, Rogério Pinheiro, Axel, Cláudio, Bordon e Serginho. Agachados: Luís Carlos, Fábio Aurélio, Dodô, Beletti e Aristizábal

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1998 Não foi dessa vez

O Rio-São Paulo jamais foi conquistado pelo tricolor. Em 1998 faltou pouco. O técnico Nelsinho chegou para substituir Dario Pereyra. Arrumou o time às pressas e chegou à final contra o Botafogo de Bebeto. Depois de estar vencendo por 2 x 1, de virada, no Morumbi, o time levou dois gols de falta do zagueirão Jorge Luís e foi ao Maracanã precisando da vitória. O empate por 2 x 2 deu o título ao alvinegro.

Em pé: Edmílson, Rogério, Zé Carlos, Gallo, Márcio Santos e Capitão. Agachados: Aristizábal, Dodô, Denílson, Fabiano e Marcelinho

1998 Raí é arma secreta

O time era bom. E parecia que o técnico Nelsinho mostraria que era tão bom quanto o badalado Wanderley Luxemburgo. Mas a derrota por 2 x 1 no primeiro jogo da final contra o Corinthians deixou todos com a pulga atrás da orelha. A poucos dias do jogo decisivo, a diretoria anunciou sua arma secreta: Raí, de volta do Paris Saint-Germain. Ele comandou a vitória por 3 x 1 e ainda fez o primeiro gol.

Em pé: Dodô, Zé Carlos, Aristizábal, Gallo, Rogério Ceni, Márcio Santos, Raí, Roger e Bordon.
Agachados: Marcelinho, Alexandre, Denílson, França, Fabiano, Carlos Miguel, Serginho, Cláudio e Capitão

RENATO PIZZUTTO

1999 Um ano para esquecer

O ano foi marcado por trapalhadas dentro e fora de campo. Enquanto nos gramados o time se confundia com o esquema tático do técnico Paulo César Carpegianni, nos bastidores o presidente José Augusto Bastos Neto ajudava a desestabilizar a equipe com declarações de desapreço. Para piorar, o reserva Sandro Hiroshi foi acusado de falsificar a certidão de nascimento. E o tricolor teve de se defender nos tribunais.

Em pé: Edmílson, Rogério, Nem, Jorginho, Márcio Santos e Paulão. Agachados: Sandro Hiroshi, França, Carlos Miguel, Marcwlinho e Fábio Aurélio

O melhor tricolor de todos os tempos

MARCO SÃO PEDRO

É um time de sonhos, escolhido por são-paulinos ilustres ouvidos por PLACAR em 1994. Em pé: Cafu, Poy, Mauro Ramos, Roberto Dias, Noronha e Bauer. Agachados: Müller, Pedro Rocha, Leônidas da Silva, Gérson e Canhoteiro. Ah, se eles pudessem jogar juntos...

Young & Rubicam
"No lance do primeiro gol, Leonardo jamais poderia estar marcando um bom cabeceador como Zidane"
PLACAR Nº 1141